



RESSONÂNCIAS DA MODERNIDADE: Uma análise do legado de Wolfgang Ludwig Rau como pesquisador e projetista em Santa Catarina

Eixo Temático: Inventário e Documentação

Douglas Emerson Deicke Heidtmann Junior

Doutor, professor, Universidade do Estado de Santa Catarina, Laguna, Brasil
douglasemerson@gmail.com

Renata Lais Bogo

Estudante de graduação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Laguna, Brasil
bogo.renata@gmail.com

Julieta de Toledo

Estudante de graduação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Laguna, Brasil
julieta.toledo@hotmail.com

Resumo:

O presente trabalho trata dos bens arquitetônicos de interesse histórico e cultural do período caracterizado como moderno e é resultado parcial de pesquisa de iniciação científica, realizada no âmbito do Laboratório de Preservação do Patrimônio da Universidade do Estado de Santa Catarina, em Laguna, SC. A partir de um panorama geral, baseado, principalmente, em TEIXEIRA (2009), sobre os conceitos de moderno, modernidade e modernização, foram realizadas análises desses processos no estado de Santa Catarina. As soluções arquitetônicas, levando em consideração a pouca disponibilidade de materiais no estado, e a inserção da novos volumes em contextos pré-existentes, são abordadas nas figuras de Tom Wildi, Hans Broos, Manoel Coelho e Wolfgang Ludwig Rau. Este último, com maior ênfase, por sua grande influência na modernização da capital, e por sua contribuição para a formação da identidade catarinense enquanto projetista e pesquisador. A análise desses contextos demonstra um processo lento e tardio de verticalização e, por consequência, de modernização em Santa Catarina, tendo seu ápice nas décadas de 50 e 60. Essa arquitetura, produzida, sobretudo por projetistas de origens europeias e financiada principalmente pelo Estado, se mostra diversificada, com soluções formais e estéticas distintas, explorando desde o Art Déco ao brutalismo, individualizando o movimento moderno no estado catarinense. No artigo, emprega-se um método simplificado de Análise Iconográfica para melhor demonstrar as relações entre formas e motivos encontrados nos edifícios e a linguagem Art Déco, dando destaque à capital, Florianópolis, que fez grande utilização das tendências modernistas em edifícios culturais e públicos.

Palavras-chave: Modernidade, Arquitetura, Wolfgang Ludwig Rau.

Abstract:

The present work deals with the architectural properties of historical and cultural interest of the period characterized as modern and is a partial result of scientific initiation research, realized in the scope of the Laboratory for Heritage Preservation of the State University of Santa Catarina, in Laguna, SC. Based on a general overview, based mainly on TEIXEIRA (2009), on the concepts of modern, modernity and modernization, these processes were analyzed in the state of Santa Catarina. Architectural solutions, taking into account the limited availability of materials in the state, and the insertion of new volumes in pre-existing contexts, are approached in the figures of Tom Wildi, Hans

13º Seminário

do_co,mo,mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



Broos, Manoel Coelho and Wolfgang Ludwig Rau. The latter, with greater emphasis, for his great influence on the modernization of the capital, and for his contribution to the formation of the Santa Catarina identity as a designer and researcher. The analysis of these contexts demonstrates a slow and late process of verticalization and, consequently, of modernization in Santa Catarina, having its apex in the decades of 50 and 60. This architecture, produced mainly by designers of European origins and financed mainly by the State, is diverse, with different formal and aesthetic solutions, exploring from Art Deco to brutalism, individualizing the modern movement in the state of Santa Catarina. In the article, a simplified method of Iconographic Analysis is used to better demonstrate the relationships between forms and motifs found in buildings and the Art Déco language, highlighting the capital Florianópolis, which made great use of modernist tendencies in cultural and public buildings.

Keywords: *Modernity, Architecture, Wolfgang Ludwig Rau.*



RESSONÂNCIAS DA MODERNIDADE: Uma análise do legado de Wolfgang Ludwig Rau como pesquisador e projetista em Santa Catarina

Introdução:

As ideias de vanguarda surgidas na Europa nos primeiros anos do século XX, enunciando um novo modo de morar, revisto para que as necessidades da sociedade industrial pudessem ser atendidas, chegaram ao Brasil ainda na década de 20, tendo grande repercussão entre os profissionais atuantes no período. Estas foram trazidas por arquitetos que fizeram parte de seus estudos na Europa ou que tiveram contato com a produção arquitetônica europeia e norte-americana através de viagens e/ou revistas especializadas (ALBERTON, 2006, p. 11). Segundo TEIXEIRA et al. (2014, p. 3) esse movimento propõe uma linguagem abstrata, tendo base na técnica construtiva do concreto armado e sua plasticidade, e na eliminação do ornamento, propondo uma funcionalidade imediata, alusiva à modernidade da máquina.

Apesar da pouca maturidade desses arquitetos, suas ações estabeleceram um marco divisor entre a tradicional arquitetura brasileira, de visibilidade apenas local, e a nova arquitetura, cuja qualidade rapidamente obteve reconhecimento internacional no final dos anos 30. Profissionais como Lúcio Costa (1902-1998), Affonso Eduardo Reidy (1909-1964), Oscar Niemeyer (1907), Rino Levi (1901-1965), Vilanova Artigas (1915-1985), entre outros, adequaram os princípios modernistas internacionais à realidade nacional, criando uma arquitetura tipicamente brasileira. (ALBERTON, 2006, p. 11).

No Brasil, esse movimento enfrentou a oposição das correntes conservadoras, por apresentar problemas ligados às questões de tecnologia construtiva, manutenção e conservação, como alerta Moreira (2010, p. 189, apud TEIXEIRA et al., 2014, p. 11): emprego de materiais novos sem comprovação empírica de desempenho, falhas de detalhamento e construção, obsolescência funcional e operativa ao longo do tempo e sistemas de infraestrutura antiquados.

A influência do moderno em Santa Catarina, além de contrastar com a arquitetura tradicional, utilizou-se desta como suporte para criar uma nova volumetria nas cidades, refletindo nas fachadas, a ideia do moderno. No estado, o suíço Wolfgang Ludwig Rau fez parte, enquanto projetista, de inúmeras construções pelo Estado, desde residências a edifícios religiosos, passando por cinemas e prédios institucionais, nas mais diversas formas estilísticas (TEIXEIRA, 2009, p. 121).

A visão de Rau sobre o moderno era peculiar, suas aquarelas de apresentação de projeto se mostravam sempre com uma figura feminina presente de maneira imponente e central (TEIXEIRA, 2009, p. 121). Essa relação com o futuro e o destaque a mulher podem estar relacionados ao seu encanto por Anita, sobre a qual escreveu um livro, dando a ela o título de heroína de dois mundos. Em seu acervo, colecionado durante 30 anos de sua vida, retrata exatamente essa figura forte e guerreira da lagunense. Projetista, historiador, professor e colecionador, juntou materiais a respeito de temas relacionados ao casal Garibaldi, a guerra dos farrapos, as paisagens de Santa Catarina, bem como o histórico de seu trabalho. Como projetista em meados do século XX, atuou em diversas obras modernas do estado de Santa Catarina, bem como a criação de monumentos, marcos e referências também no estado catarinense.

13º Seminário

do_co,mo,mo_
brasil

Salvador – BA

7 a 10 de outubro de 2019



A compra da Coletânea Garibaldi pelo Estado de Santa Catarina em 2002, possibilitada pela lei no 11.713/2001, tornou público o acervo pessoal de Wolfgang Ludwig Rau. Dessa maneira o Estado, além de expor publicamente as peças, abriu possibilidade de investigar e pesquisar esse acervo, para que se expandisse e perpetuasse o conhecimento e paixão de Rau. Esse material possibilita, instiga e incentiva ainda mais a investigação sobre a atuação do projetista, sua contribuição para o Estado, tanto no âmbito da arquitetura, como no âmbito cultural, justamente por reforçar Anita como figura de mulher emancipada e catarinense, ou melhor, lagunense. São os apaixonados apontamentos do europeu Wolfgang Ludwig Rau sobre a Santa Catarina dos séculos XIX e XX que despertam provocantes inquietações para os que tentam compreender os rumos tomados pelo pensamento moderno na história do sul do Brasil, mais especificamente, em Santa Catarina.

Faz-se uma análise do processo de modernização em Santa Catarina, a partir de figuras importantes como Hans Broos, Manoel Coelho e Wolfgang Ludwig Rau, este último com maior ênfase, por sua grande influência no processo de modernização da capital catarinense. Busca-se relacionar o trabalho de Rau com o trabalho de arquitetos contemporâneos a ele, visando documentar os principais exemplares arquitetônicos do movimento moderno, em Santa Catarina. Diante deste desafio, questiona-se: Qual a contribuição de Wolfgang Ludwig Rau para o processo de modernização catarinense?

Pretende-se, assim, disseminar os exemplares da arquitetura moderna em Santa Catarina a profissionais e estudantes de arquitetura por se tratar de uma vertente do patrimônio pouco explorada na academia, apesar de quantidade de exemplares dessa em todo o estado, principalmente na capital. Além disso, se busca reunir os trabalhos de Wolfgang Ludwig Rau de todo o território catarinense – desde suas aquarelas aos projetos idealizados pelo projetista -, a fim de averiguar a importância destes na modernização do Estado, e suas representações do contexto urbano da época.

A modernidade em Santa Catarina:

O termo modernidade pode ser explicado como o conjunto de transformações sociais, econômicas e culturais, introduzidas a partir da Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII (MUNARIM, 2009, p. 9). No século XIX o crescimento das cidades, causado pelo êxodo rural, se deu de forma rápida e sem infraestrutura suficiente para suportar o aumento populacional (ALBERTON, 2006, p. 14). Segundo Teixeira (2009, p. 72), foi somente no final do século XIX que este termo recebe o conceito, caracterizado em arquitetura, como a “racionalidade na rapidez de execução, de economia de meios, de rápido retorno dos investimentos, além da racionalidade no uso do fascínio das massas por essas edificações urbanas”.

A ideia de ruptura é abordada por Teixeira (2009, p. 62) ao exemplificar mudanças nos pensamentos tradicionalistas na Revolução Industrial, com as novas possibilidades de produção e crescimento das cidades, influenciando o movimento moderno na arquitetura e urbanismo. Os novos meios de produção e as novas técnicas construtivas possibilitaram essa modernização. Hoje tem-se os remanescentes desse período e pensamento que mudaram os costumes da época e, a partir dessa produção, é possível analisar a ressonância nos dias de hoje.

Por ressonância eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante. (Greenblatt, 1991, p. 42-56, apud GONÇALVES, 2005).



O processo da modernidade implica no rompimento com o passado, na falta de história. No moderno, não há passado nem futuro, há uma preocupação com a quebra de qualquer vínculo com o passado (TEIXEIRA, 2009, p. 75). Segundo o autor (2009, p. 61), a cidade, locus do moderno, é fruto do processo de industrialização. Na era industrial, das grandes cidades, não há espaço para imitações ou nostalgias sobre os estilos pré-industriais (TEIXEIRA, 2009, p. 75). Nos dias de hoje, usamos essas palavras para referenciar algo que esteja relacionado a uma inovação, uma ideia, um pensamento que mudou uma concepção, ou até mesmo um modo de vida.

Os diferentes pensamentos e ideias foram se espalhando, se moldando às diversas realidades, produzindo e deixando um legado. Sônia Marques (1999) apresenta de que maneiras o modernismo se expressou no contexto Europeu, Americano e Brasileiro. Segundo a autora (1999, p. 83) na Europa, havia uma preocupação com a diferença de classes e os problemas da sociedade na época, o que refletiu na arquitetura “uma sensibilidade reformista e um intervencionismo público que procurou dar resposta a reivindicações de setores menos favorecidos.”. A principal temática discutida nos três primeiros CIAMs foi a problemática da moradia, baseado no déficit e na insalubridade em quase toda a Europa, além de discussões acerca da nova habitação, dos planos habitacionais e da construção voltada à indústria (ALBERTON, 2006, p. 16-18).

Assim como no panorama mundial, a modernidade no Brasil não ocorreu de maneira homogênea. Segundo Castro (2002, p. 12), uma cultura “modernizadora” se desenvolve no Brasil de forma mais visível no Rio de Janeiro e em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, pela disseminação “das propostas do Estado Novo para as diversas políticas públicas, dentro de um contexto de discussão e definições sobre identidade nacional”, tendo seu ápice de 1930, com o fim da República Velha, e a ascensão de Getúlio Vargas, ao término da construção de Brasília, em 1960 (ALBERTON, 2006, p. 33). “Com o início da construção de Brasília em 1956 a arquitetura moderna ganhou status de arquitetura oficial do governo, vinculada fortemente à questão da imagem, sinônimo de progresso, do que havia de mais novo” (ALBERTON, 2006, p. 45), sendo que sua influência se veria de modo mais evidente no emprego da tecnologia do concreto armado, por todo o país.

No Brasil, as ressonâncias da arquitetura moderna ainda foram sentidas nos anos de 1970 como uma atitude de resistência, de arquitetos que ainda se expressavam dentro do repertório formal desta arquitetura, explorando as possibilidades plásticas do concreto armado. A despeito das discussões pós-modernas, a arquitetura brasileira, até a década de 1980, ainda parecia estar sob a égide modernista, vinculada à tecnologia do concreto e à obsessão estrutural (DAUFENBACH, 2005, p. 5).

O cenário catarinense é considerado atrasado por Munarim (2009, p. 67), pois o estado “sempre esteve afastado dos acontecimentos econômicos mais relevantes, desde o século XVII” e por isso “acompanhou a arquitetura brasileira com certo atraso”. Além da distância geográfica e da menor produtividade econômica – comparada com o eixo Rio-São Paulo, Santa Catarina sofria um ritmo cultural lento, e uma manutenção das elites locais, pouco interessadas em maiores mudanças que refletissem no meio urbano (TEIXEIRA, 2009, p. 92). Teixeira (2009, p. 91) afirma ainda que “a modernidade (em Santa Catarina) se fez representar em um primeiro momento, por arquiteturas com as tendências Art Déco, alternativas de Neocolonial e outras referências a um Racionalismo Clássico”. Castro (2002, p. 12) diz que, no período, as linguagens representativas “são principalmente o déco – como linguagem modernizadora de massa - e ainda um ‘neoclássico geometrizado’ e monumental, expressão de visões estéticas conservadoras.” A partir de 1930, o Art Déco aparece como uma linguagem que busca a integração entre arquitetura e as artes (ALBERTON, 2006, p. 32).



Para Castro (2002, p. 34), a partir do processo de construção da nova capital, Brasília, nos anos 1950, houveram muitos estímulos para fazer Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, alcançar um novo patamar de progresso e modernização. Para a autora (2002, p. 39), “o desenvolvimento teórico e prático das técnicas do concreto armado tem um lugar fundamental para a história da arquitetura moderna.” A modernidade se refletia na qualidade técnica, não somente à representação. O sistema estrutural de concreto armado, que possibilitava edifícios de grande altura e vãos, chegou à Florianópolis em tomo dos anos 40, mas ainda havia dificuldades na utilização da técnica (CASTRO, 2002, p. 38-39).

Os “grandes edifícios” eram o ideal de beleza, mostravam uma perspectiva positiva de progresso e crescimento da cidade. Essa arquitetura desloca o sentido de representação no espaço para um sentido de estruturação do espaço (CASTRO, 2002, p. 35).

As construções em elementos pré-fabricados de ferro e vidro possibilitaram a criação de espaços mais amplos e iluminados, leves e transparentes. Ainda, introduziram mobilidade - possibilidade de desmontar e montar edifícios em outros lugares - e uma provisoriedade relativa. A ponte Hercílio Luz, de forma emblemática, inseriu Florianópolis neste circuito em 1926, marcando significativamente a modernidade deste período, quando também foram introduzidos “embelezamentos” e propostas de “reformas urbanas”. (CASTRO, 2002, p. 41).

É possível inferir que, em Santa Catarina, os arquitetos Rau, Wildi e Broos atuavam para uma sociedade atrasada. Esse atraso é justificado pela condição sociocultural do estado, seu isolamento geográfico e sua industrialização iniciante (TEIXEIRA, 2009, p. 91).

Ao contrário do que se possa pensar, arquitetos como Broos que, por um lado, saíram de um país com material e tecnologia de ponta – devida à situação econômica favorável esboçada já no início dos anos 1950 - e estavam habituados a construir em concreto armado e estrutura metálica, haviam acabado de sair de uma situação iníqua, em que era preciso lidar com condições muito adversas e escassos meios de produção (DAUFENBACH, KÓS, 2016).

Em depoimento, Wolfgang Ludwig Rau explica que “o mercado de materiais de construção, mesmo na capital, dispunha de poucas opções. A técnica do concreto armado, ícone da modernidade era pouco empregada até os anos 1940, em função da necessidade de importar o cimento da Alemanha, entre outros países.” (TEIXEIRA, 2009, p. 91). Em 1940, segundo Teixeira (2009, p. 116), Wildi montou um empreendimento como uma fábrica de carpintaria civil, e outra de ladrilhos hidráulicos de cimento e tijolos vazados de cerâmica, tendo em vista a baixa oferta de materiais de construção com qualidade e quantidade para a demanda da capital.

Embora capital do estado, Florianópolis não era a cidade mais importante de Santa Catarina. Esse posto, em 1930-1940, era tomado por Lages, no planalto serrano, onde a economia baseada na indústria madeireira ditavam um ritmo urbano acentuada. Seguida por Blumenau nas décadas de 1930-1960, e hoje, Joinville, Florianópolis ainda busca pelo posto de cidade mais importante do estado (TEIXEIRA, 2009, p. 92).

A cidade de Blumenau, fundada em 1850, possuía, no início do século XX, uma industrialização firmada no excesso de capital, e na experiência fabril e imigrantes alemães. A proibição da importação de maquinário e tecidos, decreto de Getúlio Vargas de 1931-1937, consolidou essa industrialização (TEIXEIRA, 2009, p. 136). “A modernização da infraestrutura urbana se apoiou em dois instrumentos, ao final da década de 1930: o fornecimento de água tratada e a promulgação de um Código de Construções.” (TEIXEIRA,



2008, p. 140). Na década de 50, Blumenau tinha se tornado a cidade mais importante quanto à modernização, no estado (TEIXEIRA, 2009, p. 141).

Lages, fundada em 1776 se consolida em função do ciclo do tropeirismo, rota realizada do Rio Grande do Sul à São Paulo. “Como primeira iniciativa de ordenamento ocupacional da cidade, foi implantado o Código de Posturas (Lei Nº. 6 de 9 de julho de 1895) regulamentando práticas urbanas.” (TEIXEIRA, 2009, p. 143). Nos anos 1910, teve as primeiras manifestações urbanas de modernização. No entanto, o crescimento urbano era lento, já que a vida na cidade se restringia a poucas pessoas e baixa frequência, por conta da atividade pecuária. Com a Revolução de 30, iniciaram-se ações estatais e privadas de modernização (TEIXEIRA, 2009, p.147). A cidade e a elite buscavam referências na modernidade de grandes centros e as novas arquiteturas com programas modernos (Figura 1), como os cinemas, cafés e edifícios de apartamento se deu nesse contexto.



Figura 1: Edifício Santa Terezinha, Lages, Santa Catarina, 1940, projeto de Wolfgang Rau.
Fonte: TEIXEIRA, 2009, p. 124.

Além dessas atividades de caráter privado, também aconteceram os investimentos estatais, marcados pela política do Estado Novo e seus seguidores no estado de Santa Catarina, privilegiando a saúde, a educação e a comunicação, na tentativa de criar uma imagem de nação (TEIXEIRA, 2009, p.149).

Com a migração do campo, se inicia um crescimento urbano desordenado nestas cidades. Nos anos 1930 e 1940, esse crescimento atenderia a interesses como a expansão da indústria, defesa de território e lucratividade rápida (TEIXEIRA, 2009, p. 134). Na capital, segundo o autor (2009, p. 92) a arquitetura de ornamentação geometrizada, divulgada pela mídia, transmite a modernidade desejada, “embora em algumas edificações esta linguagem modernista esteja limitada à fachada” (ALBERTON, 2006, p. 31). Os espaços públicos tiveram uma grande valorização e contribuíram para disseminação dos ideais nacionais que estavam sendo bastante valorizados pela política da época, na tentativa de criar essa identidade nacional brasileira. Teixeira (2009, p. 86) demonstra como a nomeação de lugares, como avenidas, ruas e praças, fazendo alusão aos valores pátrios e ao chefe de estado.



Segundo Teixeira (2009, p. 78), no período de implantação do Estado Novo de Getúlio Vargas, nos anos 1930, se implanta a ideia de um estado moderno. A partir da política modernizadora adotada por Vargas mostra construções empreendidas pelo Estado na linguagem Déco. Essa linguagem modernista se expandia e redefinía a paisagem das cidades. Era apropriada de forma rápida, e não trazia mudanças profundas na concepção dos espaços, mas “oferecia novas possibilidades de tratar as superfícies com sinais de modernidade.” (CASTRO, 2002, p. 88). Teixeira (2009, p. 43) aponta como a marcação da esquina com cantos arredondados uma característica do Art Decó, elemento este que aparece nas obras de Rau.

Os projetistas da modernidade catarinense:

No período de recorte, houve uma produção arquitetônica em Santa Catarina, advinda de arquitetos e projetistas imigrados do continente europeu, particularmente de países de fala alemã. É possível notar traços de uma formação politécnica nas obras destes projetistas (TEIXEIRA, 2009, p. 113). Busca-se o registro de trabalhos expressivos do arquiteto suíço Tom Wildi, do arquiteto austríaco Hans Broos, do projetista suíço Wolfgang Ludwig Rau e do arquiteto catarinense Manoel Coelho, à título de comparação. Se dá ênfase às obras de Rau, pressupondo que tanto os projetos elaborados e construídos quanto suas pesquisas para a constituição da Coletânea Garibaldi, podem trazer nova contribuição e permitir ampliar a discussão a respeito da modernidade brasileira como parte constituinte de nossa cultura, além de reforçar a importância da preservação do patrimônio moderno.

Nascido na Suíça, em 1897, Tom Wildi fez os estudos de Belas Artes em Zurique e de Arquitetura em Genebra. Após a 1ª Guerra Mundial, veio ao Brasil, aportando no Rio de Janeiro. Em Florianópolis, contratado pelo governador Hercílio Luz, foi encarregado de projetos e execuções de prédios públicos e, em 1921, colaborou em obras de infraestrutura para a Ponte Hercílio Luz, na capital catarinense. Tendo em vista o pequeno número de projetistas, construtores e empresas de construção civil, muitas vezes atuou em conjunto com o projetista Wolfgang Rau. A trajetória do arquiteto aponta um relacionamento com corporações político-partidárias, como importantes famílias da elite local (Figura 2), que podem levar a detectar uma sobreposição de interesses públicos e privados (TEIXEIRA, 2009). “A listagem das obras e projetos de Tom Wildi é exaustiva e mostra, por um lado sua abrangente produção e por outro um pouco da história da construção civil em Florianópolis (entre os anos 1930 e 1950).” (TEIXEIRA, 2009, p. 116).



Figura 2: Conjunto das edificações da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke, à Rua Felipe Schmidt, projeto de Tom Wildi. 1940, Florianópolis.
Fonte: TEIXEIRA, 2009, p.227.



Hans Broos, arquiteto nascido em 1921 em território hoje considerado eslovaco, formou-se em 1947 na Alemanha. Chegou ao Brasil em 1953, fixando residência em Blumenau, Santa Catarina (DAUFENBACH, 2005). A face da moderna Blumenau foi moldada, em parte, por suas obras. Em seus edifícios, propõe uma arquitetura sem caráter regionalista, ao lado de edificações tradicionais da região. Esses marcos da modernidade local, porém, não se abstraem de um olhar atento ao contexto, materiais e possibilidades técnicas (DAUFENBACH, KÓS, 2016).

“O arquiteto constrói edifícios que se constituiriam em marcos da modernidade local, que não prescindem, no entanto, de um olhar atento em relação ao contexto, materiais, e às possibilidades técnicas” (DAUFENBACH, KÓS, 2016). Sua obra vem em um período de crescimento econômico, onde a arquitetura refletia a imagem da modernidade. Blumenau, com seu caráter industrial e fabril, modernizava suas estruturas, e pretendia mostrar esse caráter também na arquitetura (Figura 3). A arquitetura de Broos também coincide com um momento de grande projeção e renome internacional da arquitetura moderna brasileira (DAUFENBACH, KÓS, 2016).



Figura 3: Hering Matriz: Edifício da Costura.
Fonte: DAUFENBACH, 2005.

Manoel Coelho graduou-se na primeira turma de arquitetura do Paraná, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Sua arquitetura é resultado de uma formação modernista, que equilibra as necessidades funcionais, o sítio, os prazos, os recursos financeiros disponíveis, a cultura circundante e a vontade do cliente. As características de sua produção se conectam com a linha racionalista da Arquitetura moderna do século XX. Produz uma arquitetura baseada em formas ortogonais. Trabalha com a simplicidade estrutural e funcional dos edifícios. Através da escola paulista, os arquitetos de Curitiba foram muito influenciados pela produção corbusiana, trabalhando com a forte fixação visual dos edifícios no solo, porém mantendo o pavimento térreo fechado (Figura 4). A linha racionalista da Arquitetura Moderna recusa do historicismo e prega o fácil entendimento da obra arquitetônica (DUDEQUE, 2010).



Figura 4: Bloco Didático, Universidade Positivo
Fonte: Manoel Coelho (site)

Em Santa Catarina, não se pode falar em modernidade sem citar uma de suas figuras mais ilustres: Wolfgang Ludwig Rau (MUNARIN, 2009, p. 140). Suíço, naturalizado brasileiro, nascido em 1916, cursou Escola Politécnica na Suíça (TEIXEIRA, 2009, p. 121). Fez parte, enquanto projetista, de inúmeras construções pelo Estado, que iam desde residências a edifícios religiosos, passando por cinemas e prédios institucionais, nas mais diversas formas estilísticas.

Hábil aquarelista, Rau trabalhou em várias vertentes estilísticas da modernidade. São recorrentes em seus trabalhos artísticos – as perspectivas de apresentação de projetos – as presenças de ícones de uma modernidade idealizada, como figuras femininas de vestido longos, automóveis, amplas avenidas e uma peculiar visualização de um moderno (à maneira de Baudelaire): o chão de asfalto molhado e faiscantes vistas noturna (sob iluminação elétrica) das (na realidade acanhadas) ruas das cidades catarinenses de então (TEIXEIRA, 2009, p. 121).

Rau era um legítimo estrangeiro e tinha suas influências na Europa, tendo trazido para seus projetos: a verticalização das cidades com os edifícios de apartamentos; manter a relação com o elemento urbano, esquina. “Esses profissionais (imigrantes) assumiram o papel de pioneiros dessa modernidade possível [...] que abriu caminhos para a chegada de novos tempos nas cidades e em suas arquiteturas” (TEIXEIRA, 2009, p. 123).

Segundo Teixeira (2009, p. 312) um representante a modernidade é, justamente, o edifício de apartamento (Figura 5). A relação que esses edifícios tinham com o meio urbano é bastante característica, como era algo novo, moderno, nas cidades, costumavam estar em locais bastante estratégicos. Ou seja, os terrenos eram escolhidos à dedo. Em esquinas, e/ou próximos às praças e sempre propondo o uso misto, com galerias ou comércios. Rau projetou edifícios com estas características em diversas cidades de Santa Catarina, como Lages e Florianópolis, além de edifícios com viés cultural, como os cinemas - símbolos de modernidade, lançando tendências por meio de filmes, influenciando na composição das cidades e costumes da época (MUNARIM, 2009, p. 31 e 32).

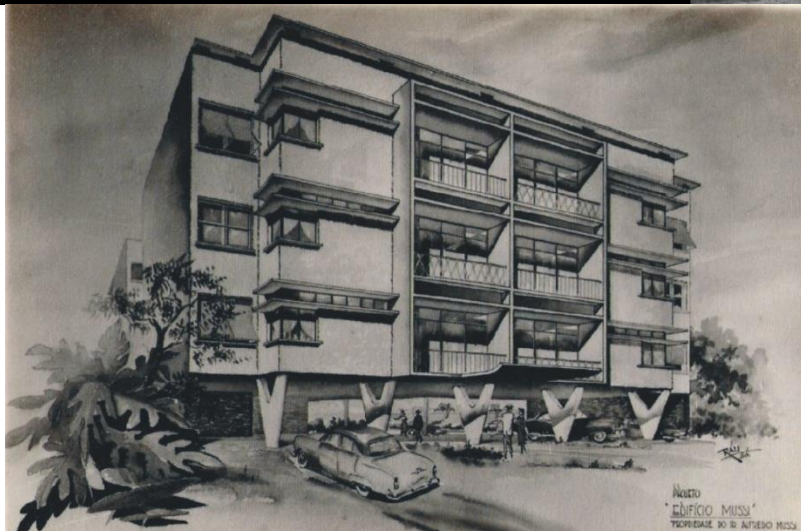


Figura 5: Edifício Mussi, 1957, projeto de Wolfgang Ludwig Rau.
Fonte: TEIXEIRA, 2009, p. 310.

Pode-se dizer, como sugere Teixeira (2009, p. 149), que Rau atuou na modernidade do estado ao propor esses tipos de edifícios com programas modernos. Outros programas também surgiram nesse contexto de crescimento das cidades, como os cafés, além de arquiteturas de investimento estatal, como hospitais, correios e educação “na tentativa de criar uma imagem de nação”. Os hotéis, bancos, edifícios comerciais e residências, financiados pela iniciativa privada, impulsionaram a verticalização e adensamento no centro da cidade, difundindo a linguagem modernizante com o déco (CASTRO, 2002, p. 7). “As idas ao cinema, aos cafés, a presença de novos edifícios modernos inaugurados no centro da cidade ao longo da década indicava o início das grandes mudanças esperadas.” (CASTRO, 2002, p. 38).

Desses novos programas que surgiram nesse contexto do século XX, Rau atuou em muitos deles, principalmente cinemas, edifícios de apartamentos e edifícios institucionais. Em seu currículo (Figura 6), consta a construção de mais de 50000m². A partir de documentos presentes em seu acervo, é possível ver que Rau estava diretamente envolvido com políticos da época. São encontradas cartas trocadas com Nereu Ramos -vice-presidente brasileiro, atuando como presidente por dois meses-, e notícias de jornais onde, em inaugurações de suas obras, aparece ao lado dessa figura. Outra maneira de exaltar e reafirmar a identidade nacional é com a criação de monumentos, área de grande atuação do projetista Rau.

V.

- Projetou e construiu mais de quinhentos mil metros quadrados (500.000,00 m²), incluindo praticamente todos os tipos de edificações, especialmente no Estado de Santa Catarina. Entre estas contam-se 14 Cine-Teatros, 27 Igrejas e Capelas, 5 Hospitais, 6 Hotéis, diversos Edifícios Públicos, 2 grandes Institutos de Educação, vários Pavilhões Industriais, 1 Instituto Teológico, Campos Desportivos, Clubes Recreativos, vários Edifícios de grande porte (de até 20 pavimentos), grande número de prédios de apartamentos, um 'sem-número' de casas residenciais e construções comerciais, etc.

Figura 6: Currículo de Wolfgang Ludwig Rau.

Fonte: Coletânea Garibaldi – Acervo Rau – Pasta 565C (Currículo). Foto dos autores



Na década de 40, a cidade e a elite de Lages, no planalto serrano, estava numa corrente busca por renovação, por uma modernidade dos grandes centros. A ação do estado, no âmbito municipal, tinha papel central na modernização. Pela necessidade de um armazém comercial, Wolfgang Ludwig Rau projetou o Mercado Público (Figura 7) em estilo Art Déco (TEIXEIRA, 2009, p. 149). Apesar do novo ciclo econômico e da nova produção arquitetônica, em Lages ainda era vigente a construção com materiais e técnicas tradicionais, que foram adequados para responder esses novos programas urbanos (TEIXEIRA, 2009, p. 151).

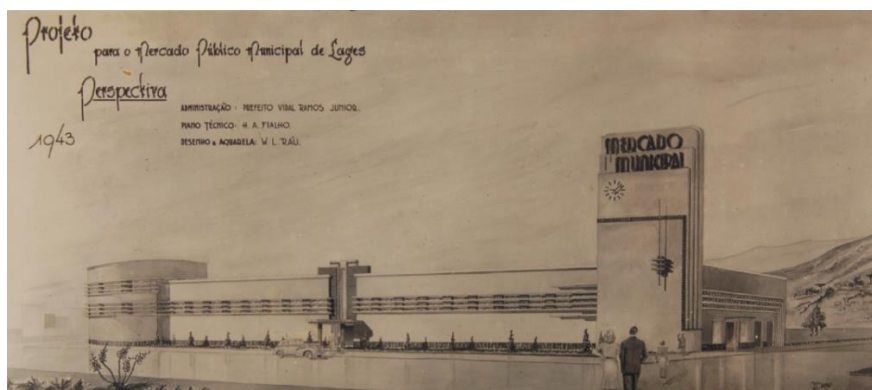


Figura 7: Desenho da fachada lateral do Mercado Público de Lages, projeto de Wolfgang Rau, 1940.
Fonte: TEIXEIRA, 2009, p. 150.

O Edifício Accacio (Figura 8), de 1943, também de linguagem Déco, marca uma das principais esquinas de Lages, estabelecendo um diálogo essencialmente urbano entre o edifício, a esquina e a praça, dando ênfase a esse pequeno espaço público, de caráter moderno. “O jogo volumétrico dos balcões, o próprio desenho da esquina, a escolha dos materiais para revestimentos e pisos e outros detalhes (como a preocupação com o desenho das maçanetas), revelam o profissionalismo de projeto e a qualidade de execução.” (TEIXEIRA, 2009, p. 157).



Figura 8: Perspectiva do projeto arquitetônico do Edifício Dr. Accacio, 1943, Lages.
Fonte: TEIXEIRA, 2009, p. 158.

Segundo Castro (2002, p. 49), no início dos anos 50, quando Rau se associa ao engenheiro Tom Wildi, a matéria prima da construção civil vinha de diferentes partes do estado. O cimento, que até os anos 40 era importado da Alemanha, passou a ser fabricado em Itajaí, a cal provinha de Enseada do Brito, as telhas, de Tijucas, e as janelas de Rio do Sul.



Não havia de fato um grande investimento na construção civil. Este só seria incrementado ao final da década. Ráu, observando as dificuldades na época, em se operar com as técnicas do concreto armado, lembra que muitas vezes exagerava-se no dimensionamento de vigas, lajes e pilares obtendo-se resultados contraditórios com os objetivos da técnica: a construção se tomava mais cara e visivelmente mais pesada, como o Edifício à Rua Nereu Ramos, projetado por Moellmann & Ráu em 1957 (CASTRO, 2002, p. 49).

Nos anos 1950, Rau projetou edificações na região central da capital e em bairros do continente, visando a expansão urbana, dentro de um peculiar e tardio ecletismo moderno. Essa produção mostra os ciclos de expansão urbana da capital, e o gosto conservador das elites locais (TEIXEIRA, 2009, p. 122).

No decorrer de 1950, em Florianópolis, “a atmosfera de cidade pequena e pacata foi mudando aos poucos. A abertura de alguns cafés e bares se associavam às idas mais frequentes aos cinemas Ritz, Roxy, Imperial, Odeon e Império.” (CASTRO, 2002, p. 81). Segundo a autora (2002, p. 97), o Déco foi retomado em grande escala quando a cidade incorpora a modernização marcada pela verticalidade de edificações. “Sem grande comprometimento estético com qualquer programa de vanguarda, os novos edifícios apresentavam um uso livre de linguagens e técnicas modernas, em seu sentido de ‘moda’, propagada pelo cinema, por jornais e revistas.”

Entre as edificações características dessa linguagem, tem-se o edifício Zahia (Figura 9), projeto de Wolfgang Ludwig Rau, com 07 pavimentos é inaugurado em 1959 (CASTRO, 2002, p. 81). O programa e a linguagem desses edifícios altos (de escritórios e comerciais) evidenciam a chegada da arquitetura moderna, um novo ciclo de atividades econômicas na capital, e a valorização das áreas centrais (TEIXEIRA, 2009, p. 122).



Figura 9: Edifício Zahia à Rua Felipe Schmidt, Florianópolis, 1959, projeto de Wolfgang Rau.
Fonte: TEIXEIRA, 2009, p. 123.



Em um segundo ciclo de modernidade, em 1960, Rau participa do processo de verticalização urbana (TEIXEIRA, 2009, p. 122). É anunciado em jornais que o Palácio da Indústria, hoje Fundação de Amparo à Tecnologia e ao Meio Ambiente (FATMA), situado na região central de Florianópolis, projetado por Moellmann & Rau, viria concorrer para o embelezamento urbanístico da cidade. O Edifício das Secretarias (Figura 10), hoje Secretaria da Fazenda, também projetado por Moellmann e Rau na década de 50, em Florianópolis, é um marco da arquitetura “clássica modernizada”, num período marcado pela verticalização urbana, onde se expressava a linguagem déco e se difundia o modernismo funcionalista (CASTRO, 2002, p. 99 e 100). Segundo a autora (2002, p. 105) as linhas do edifício das Secretarias se ligam à “nova tradição”, considerando a sua monumentalidade, localização e momento de construção, inaugurado quase às vésperas da construção de Brasília, momento que consagraria o urbanismo funcional e a arquitetura moderna brasileira.

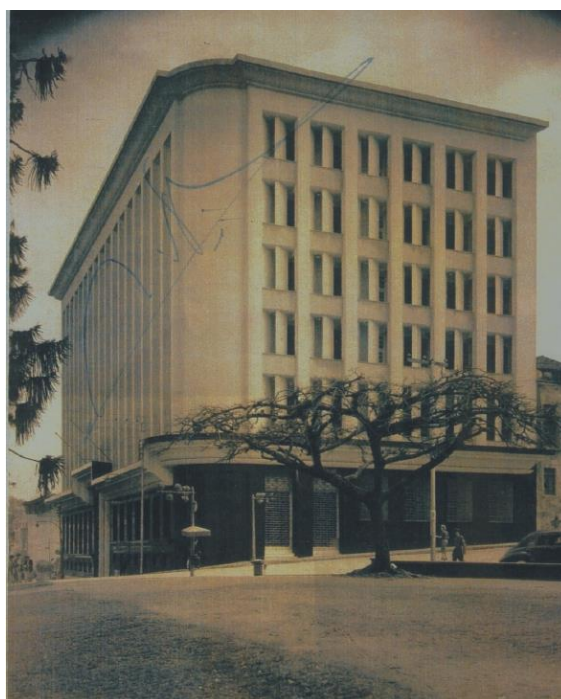


Figura 10: Edifício das Secretarias, Praça XV de Novembro, Florianópolis, 1955, projeto de Wolfgang Rau.
Fonte: TEIXEIRA, 2009, p. 305.

O volume foi projetado a partir da ideia de ordem presente na coluna grega ou romana, à maneira renascentista ou neoclássica. O primeiro pavimento, revestido em mármore preto, com uma série de janelas altas arrematado por uma cimalha - corresponderia à base da coluna. O conjunto dos cinco pavimentos corresponde ao fuste ou à coluna propriamente dita e o término do edifício apresenta uma cimalha gigantesca que é uma alusão ao capitel da coluna. A analogia com a coluna traz também o aspecto de finitude do volume, marcado em sua base e arrematado pela cimalha. (CASTRO, 2002, p. 105)

A imponências do edifício se faz pelas linhas retas, pela geometria, falta de ornamentação, proporção das cimalthas, e pela rigidez das cores, com o mármore preto em contraste com as paredes em tom areia. As colunas sustentando a vida por trás da cimalha dobrada marcam o início da escadaria que acessa o edifício. A edificação, alinhada à calçada, mantendo a tradição dos edifícios luso-brasileiros, utiliza em sua composição o brise-soleil, elemento tipicamente moderno. Representa uma arquitetura híbrida, um “clássico modernizado” (CASTRO, 2002, p. 106).



Segundo a autora (2002, p. 117), esse hibridismo é visível também em outras soluções formais, em Florianópolis, resultado de negociações possíveis, dentro das limitações econômicas e técnicas, entre o modernismo e a tradição. A cidade ainda era desprovida de grandes investimentos, estatais ou privados, e utilizavam símbolos modernistas mesclados à história local para firmar uma identidade moderna, condizente com seu status de capital do estado.

A hibridação presente no centro histórico de Florianópolis é resultado das articulações dos edifícios modernos no traçado do centro histórico, que hoje são relatos de um período de “grande tensão entre o peso do conservadorismo e o esforço em direção à modernidade do desenvolvimento e do progresso” (CASTRO, 2002, p. 118). A escadaria, símbolo clássico, demarcam a transição entre os espaços da cidade e dos edifícios, para além de soluções técnicas em terrenos acidentados. Este símbolo, que reforça uma forma tradicional de resolver a arquitetura da cidade, associada a uma solução funcional moderna, indica uma espécie de hibridismo. A arquitetura moderna rompe com a ideia de entrada principal, elevando as edificações sob pilotis, utilizando acessos laterais ou rampas para vencer desníveis. Essa hibridação confere singularidade e identidade à paisagem do centro histórico de Florianópolis (CASTRO, 2002, p. 120)

Retomando ao conjunto de edifícios construídos no centro histórico de Florianópolis, na década de 50, podemos ver na mescla expressiva, a sua qualidade. Acompanhando o movimento próprio da modernidade brasileira, estes edifícios - que ainda permanecem integrando o cenário histórico da cidade - apresentaram soluções singulares de composição do moderno com a tradição, sendo algumas delas objeto de estudo neste trabalho. Estas soluções - formas híbridas - resultado da negociação com o passado, desenhavam a modernização possível. (CASTRO, 2002, p. 135)

É grande o número dessas edificações, trabalhadas em referências náuticas, aerodinâmicas, geometrizadas, que, quase sempre ocupavam toda a frente dos lotes, sem recuos, preservando a mencionada estrutura fundiária original. Muitas delas estão ainda presentes na paisagem urbana, em pleno funcionamento, abrigando atividades contemporâneas, revelando um ciclo de modernidade que merece preservação (TEIXEIRA, 2009, p. 110).

Breve análise iconográfica

Considerando as atividades do Laboratório de Preservação do Patrimônio, da qual são integrantes os autores do presente artigo, e o fato da Udesc Laguna ter recebido o acervo de Wolfgang Ludwig Rau, foi definido um dos objetivos desta pesquisa de iniciação científica que, além da revisão bibliográfica já apresentada, também prevê uma breve análise iconográfica de material impresso integrante do acervo e que tem relação com a arquitetura projetada por Rau e o conceito de Modernidade. Para tal, buscou-se apoio na pesquisa, em nível de mestrado, de SILVEIRA JUNIOR (2012), na qual o autor relaciona mídia e arquitetura, investigando quais seriam os papéis da arquitetura e da mídia, da arquitetura na mídia e, principalmente, da arquitetura como mídia, na divulgação de ideais de progresso e na resposta aos anseios por modernização (SILVEIRA JUNIOR, 2012, p. 24). A arquitetura Art Déco espelha a mídia gráfica, que propaga a ideia de Modernidade e progresso, usando edifícios como ícones, que significam “a si mesmos”, ao mesmo tempo em que são portadores de um “poder” (como uma imagem de um santo, por exemplo) (SILVEIRA JUNIOR, 2012, p. 25). As análises empreendidas, por meio das classificações elaboradas por SILVEIRA JUNIOR (2012), são apresentadas a seguir e permitem verificar que o projetista Rau se utilizava dessa relação mídia e arquitetura, em seus projetos.



Anúncio publicitário do Lux Hotel:

O Edifício São Jorge, inaugurado em 1952, foi construído na área central de Florianópolis, espaço de comércio expressivo na época, na esquina da Rua Felipe Schmidt com a Rua Deodoro. A edificação abrigou o Lux Hotel (Figura 11), posteriormente, e ainda hoje marca aquele local, de vários eventos importantes na vida política e cultural da capital (TEIXEIRA, 2009, p. 275).



Figura 11: Anúncio publicitário do Lux Hotel no Edifício São Jorge, Projeto de Rau e Wildi.
Fonte: TEIXEIRA, 2009, p. 277.

A forma arquitetônica apresentado no anúncio é marcada por características do Art Déco, visíveis nas linhas ortogonais, que reforçam a horizontalidade e a verticalidade do edifício. A marquise é um forte elemento horizontal, que faz a demarcação do acesso à edificação. O elemento em curva, como forma de valorização da esquina, gera percepções de movimento. Linhas e reentrâncias salientam a verticalidade. A geometria é vista no volume e na ornamentação, os escalonamentos estão presentes na fachada e na platibanda, além de ser perceptível uma acentuação de contorno superior.

Outras características de linguagem Déco, visíveis nos letreiros da mídia gráfica, estão presentes no anúncio publicitário do Lux Hotel. Sem ornamentação e com diagramação simplificada, o anúncio foi enquadrado em um retângulo, e o nome do hotel foi enquadrado em um segundo, recebendo ênfase. Se percebe a adoção de fontes cheias, em negrito, em caixa alta e geometrizadas, buscando uma transmissão rápida das mensagens, como letreiros publicitários.

O anúncio mostra como o processo de modernização se deu de forma conjunta na arquitetura, na cidade e na decoração. O simbolismo da ponte Hercílio Luz, reforça a ideia de modernidade. Os objetos de decoração ganharam destaque na mídia gráfica. Se destaca a mesa de centro representada, de desenhos simples, prismático, mas expressivo.



Edifício Marajoara:

O projetista Wolfgang Rau trabalhou com diferentes vertentes estilísticas do moderno, entre elas o estilo marajoara, representado pelo Cine-Teatro Marajoara (Figura 12), construído em Lages em 1947. Para isso, Rau fez pesquisas na arte indígena brasileira para embasar seus trabalhos (TEIXEIRA, 2009, p. 122).

A Lages da década de 1940 é marcada pelo conservadorismo expresso nas técnicas construtivas e materiais tradicionais, aplicado às arquiteturas de caráter moderno, como o edifício em questão, onde as formas e volumetria expressavam a modernidade (TEIXEIRA, 2009, p. 151).



Figura 12: Perspectiva do projeto arquitetônico do Cine Teatro Marajoara, Lages, 1947, Wolfgang Rau.
Fonte: TEIXEIRA, 2009, p. 152.

A gravura, de autoria do projetista, apresenta o edifício de linguagem Art Déco. Este possui uma tripartição vertical, marcada pela base da edificação, pelo corpo e o coroamento. A base horizontal, demarca o acesso por marquises, pilares e arcos. O volume superior é caracterizado pelo contraste entre as linhas verticais e horizontais, dividindo-o em dois eixos. A torre lateral indica o direcionamento para algo elevado, como uma possível alusão ao poder econômico e financeiro, social e cultural. Essa verticalidade marca o edifício, dando destaque ao novo ícone urbano. O eixo horizontal é marcado por janelas em sequência, e pelos balcões. A geometrização na fachada, com elementos quadrados, retangulares, e frisos marcados por linhas salientes, simbolizam inovação na arquitetura. O coroamento do edifício é marcado por um elemento horizontal acima da torre, o qual aparenta estar suspenso. Além disso, a composição do letreiro de características Déco, como a fonte geométrica e em caixa alta, faz a identificação do edifício na parte superior.



Conforme já dito anteriormente, Rau representava, em suas aquarelas, a figura feminina de forma central. No período em questão, a mulher era símbolo, e seu papel na sociedade estava em modificação. Nesta gravura, se fazem presentes duas figuras femininas e um automóvel, ambos em uma ampla avenida, com o chão de asfalto molhado. A perspectiva retrata uma realidade distinta da Lages de 1940, porém simboliza a possível modernidade trazida com o cinema. Era comum a representação de ícones e símbolos de modernidade do período, como os meios de transporte, os quais muitas vezes apareciam associados à figura feminina e aos objetos de desejo da época.

Considerações finais:

A arquitetura moderna de Santa Catarina tem sua principal contribuição por arquitetos com experiências europeias, como Rau e Wildi. Suas principais manifestações são no estilo Art Déco, no início do século XX. Em meados deste século, a presença de Broos,

principalmente na região norte do estado, mostra uma arquitetura moderna de caráter brutalista, estilo predominante na região sudeste do país. Além disso, arquitetos formados na região sul, como o caso de Manoel Coelho, produzem, mais tardiamente, uma arquitetura moderna baseada nos pilares corbusianos do início do século, por influência de professores formados pela escola paulista.

Tendo um caráter diversificado, a maior parte dos exemplares dessa arquitetura se encontram na capital catarinense, graças ao incentivo dado no início do século para a formação de um caráter nacionalista (governo de Getúlio Vargas, nos anos 1930), em conjunto com a necessidade de modernizar Florianópolis. Apesar de sua importância, a cidade esteve historicamente “atrasada” em relação à outras regiões. A industrialização foi um fator relevante para o processo de modernização, verificado em Lages, no Planalto Serrano, de 1910 a 1930 com a indústria madeireira, em Blumenau, de 1930 a 1960 com a indústria têxtil, e hoje, em Joinville, cidade com maior densidade habitacional do estado, também de caráter industrial.

A capital apostou em uma modernização baseada no turismo, que aconteceu de forma lenta, alavancada principalmente pela criação da universidade federal. Apesar do atraso catarinense, justificado pela sua condição sociocultural, seu isolamento geográfico e sua industrialização iniciante, além da dificuldade de aplicação da técnica do concreto armado, ocasionada pela falta de matérias (sendo necessária a importação de cimento), sua modernidade é marcada pela presença do poder público como maior financiador, e de arquitetos europeus como projetistas dessa cidade moderna.

Ressalta-se a importância de Rau, projetista que contribuiu durante muitos anos para o processo de modernização e de formação da identidade arquitetônica de Santa Catarina, por sua numerosa contribuição no estilo Art Déco, suas soluções formais ao trabalhar com os materiais escassos da região e em contextos consolidados, produzindo principalmente edifícios de cinemas e de obras públicas. Apesar da importância dessa arquitetura para o estado, grande parte desse patrimônio moderno se perdeu conforme a expansão do centro das cidades.

O estudo mostrou ser de grande valia para a documentação da arquitetura moderna catarinense, produzida no século XX. Apesar de, nos anos 80 as ações de preservação do movimento moderno terem se intensificado, em Santa Catarina são poucos os exemplares que são preservados de forma isolada. Faz-se necessário conhecer e documentar essa arquitetura, auxiliando no processo de salvaguarda desse patrimônio edificado.



Referências

- ALBERTON, J. O. **Influência modernista na arquitetura residencial de Florianópolis** [dissertação de mestrado]. Florianópolis: PÓSARQ – UFSC, 2006.
- CASTRO, Eloah Rocha Monteiro de. **Jogo de Formas Híbridas. Arquitetura e Modernidade em Florianópolis na década de 50**. Florianópolis, 2002, 143 páginas. Tese (Doutorado em História Cultural) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis.
- DAUFENBACH, Karine; KÓS, José. **O edifício como micronarrativa**. In: 11º Seminário Nacional do Docomomo Brasil. Anais do 11º Seminário Nacional do DOCOMOMO Brasil. Recife: DOCOMOMO_BR, 2016.
- DAUFENBACH, Karine. **Continuidades e Dissonâncias na Arquitetura Industrial de Hans Broos**. In: 6º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2005, Niterói. 6º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2005.
- DUDEQUE, Irã. **Manoel Coelho: arquitetura e design**. São Paulo: Archimidia, 2013. 348 p.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, v. 11, n. 23, jan./jun. 2005.
- MARQUES, Sônia. **Arquitetura brasileira, uma pós-modernidade mais do que contraditória**. Revista de Urbanismo e Arquitetura, Salvador, v. 1, n. 7, p. 82-9, jul./dez. 1999.
- MUNARIM, Ulisses. **Arquitetura dos cinemas: um estudo da modernidade em Santa Catarina/ Ulisses Munarim – Florianópolis, UFSC / PEAU – CIDADE, 2009.**
- SILVEIRA JUNIOR, Antonio Carlos Porto. **Referências, mídia e projeto: Compreendendo a estética da arquitetura protomodernista em Pelotas-RS**; Pelotas, 2012.
- TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Arquitetura e cidade: a modernidade (possível) em Florianópolis**; São Carlos, 2009.
- TEIXEIRA, L. E. F. et al. **Um itinerário para a arquitetura moderna em Florianópolis**. Cadernos NAUI, v. 3, n. 4, jan./jun. 2014.
- XAVIER, Alberto. **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. 380 p.
- ZEIN, Ruth Verde. **Brutalismo, Escola Paulista: entre o ser e o não ser**. Arqtexto, v. 2, p. 6-31, 2002.